

717  
A014  
CLUB DOS ANARCHISTAS.

# COMEDIA

Composta



Pelo P. Justiniano da Cunha Pereira,

Redactor da

PARAHYBUNA.

*Nilentem dicere verum  
Quis vetat?*

Horat.

VILLA DE BARBACENA.

NA TYPOGRAPHIA DO PARAHYBUNA.



10.477

1954

## ACTORES.

Ninó Pansa, *Presidente.*

Matrãca, *Séretario.*

Narigão.

Macaco.

Rebôlo.

Tiple.

Fanhoso.

Môpadinho.

Joia.

Chicrapires.

Mentira. *Torres*

Turba de farronpilhas.

Ham Oficial de Policia.

A Guarda Policial

A Cena he representada na Capital da Província de Minas Geraes.

# COMEDIA

INTITULADA.

## O CLUB DOS ANARCHISTAS.

### SCENA PRIMEIRA.

*Narigão só.*

Não perco as esperanças. A empreza he difficil, he embaraçosa; hem o sei: porém, o que não vence a incançavel perseverança? As almas grandes se elevão, e se fortificão no meio dos perigos e dos obstaculos. Serei eu menos feliz em Minas, do que Sabino na Bahia? Tera elle mais capacidade? Não sou eu Doutor formado? Mas o exito de huma revolução he duvidoso. . . seja embora. Entretanto ficão os cofres a minha disposição; posso entricar-me, e se as aguas correrem turvas, não custa muito montar a cavallo, voar a Itaberava, e de la. . .

### SCENA SEGUNDA.

*Narigão, Tiple e Macaco.*

*Narigão.* Amigos! Estão firmes no nosso plano?

*Macaco.* Mais firmes do que rochedos.

*Tiple.* Resta organisarmos a Administração. Nomear os empregados da república, os Ministros de

Estado, os Generaes de Exercitos, consignar os vencimentos, ver o estado do Thesouro, em fim providenciar a tudo; sem regularidade nada pôde marchar em termos. He necessario tambem organisarmos a lista dos proscriptos. Não queremos gente suspeita no novo Estado.

*Narigão.* Tudo isso são objectos secundarios. Façamos primeiro a installação; desviemos os obstaculos, e consolidemos a República em bases duradouras, e ao depois cuidaremos nessas disposições particulares. Decidirão já quem será o Presidente ou Dictador?

*Tiple.* Infallivelmente serei eu.

*Macaco.* Esse cargo me pertence em primeiro lugar; porque eu em fim. . .

*Narigão.* E eu então? Pois vosses querem esbulhar-me de hum posto que por todas as razões me compete? Não sabem o prestigio que se une a este titulo de Doutor, que nenhum de vosses possui? Quem sustenta *Francia* no Paraguay? Não he o brilhante titulo de Doutor com que se adorna?

*Macaco.* Mas entre nós esse título anda muito sevandijado.

*Narigão.* Não, não: amigos! Por esta vez vossés devem ceder; até mesmo por utilidade publicá: não pôde ser duravel hum Estado em cuja frente se não veja hum nome prestigioso, como o meu; pois pretendo encaixar no cabeçalho dos decretos este magnífico título: *D. Antão Leão Narigão, Doutorão formado em leis, Bacharelão de Capello, Estudante na Academia de Sciencia Sociaes, Presidente da Repilha, etc. etc.*

*Macaco.* Não cedo, nem que me leve o diabo: seria humá injústi a flagrante se, depois de me ter esbofado tanto, fosse agora occupar hum lugar secundario. Cuidão que já me esqueceu o logro da Deputação?

*Tiple.* Muito bem, Senhores, tudo se pôde accomodar. Estabelecamos hum Triumvirato, e assim ficaremos todos tres satisfeitos.

*Narigão.* Não concordo. O Governo monosyllabo he muito mais perfeito do que o Governo trip-tongo. A machina administrativa desenvolve mais força e actividade mais energia no seu elastério, simplificando-se a accção do governo: por consequencia, o Triumvirato seria hum impedimento radical.

*Macaco.* Nada, nada! Eu tambem quero ter parte na bezerra.

*Tiple.* Pois, Sr. Narigão, vamos propôr a questão ao club, que não tarda a reunir se, e o que se decidir, isso faremos. Na minha

opinião o Triumvirato he hum idéa vantajosa. Felizmente, lá vem assombando os Pais da Patria estes patriotas sem mancha, que hão de levar o Brazil além das nuvens, e superior ás tempestades.

### SCENA TERCEIRA.

*Club dos Anarchistas.* *Mané Pansa* tomará a Presidencia; o *Secretario Matraca* lerá a acta da antecedente, que será approvada. *Entra se na ordem do dia.*

*Pansa.* A patria agradecida, Srs., deve levantar estatuas aos benemeritos patriotas, que tem feito hum ma opposição tão vehemente ao Governo, que por desgraça do Brazil ainda nos rege. Continuai illustre concidadãos, não percamos de vista o nosso plano de ataque. Não se poupem meios. Anem-tira, a calumnia e a falsidade tudo serve: anarchisemos a Proviucia, e teremós a Repilha.

### SCENA QUARTA.

*Os mesmos e o Imparcial.*

*Pansa.* Ora viva, Sr. Imparcial; pois ainda voltou? Não nos disse hontem que não vinha mais a este club, que lhe parecia anarchico?

*Imparcial.* Assim foi: mas hoje vim, não tanto para tomar parte na discussão, como para avisar vos que correm boatos atterriadores sobre a vossa reunião; e que o Governo pretende...

*Tiple.* Não pretende nada. Se o Governo nos fizer alguma violencia, nemos bradar aos nossos committentes que estanhos debai-

xo do jugo da tyrannia; que empunhamos as armas; que revendique mos a nossa liberdade, ainda que seja necessario marchar sobre milhões de frios cadaveres. A morte, diz Jefferson, he preferivel à escravidão.

*Imparcial.* Tambem li nos Jornaes da Corte que altamente se desapprova a vossa conducta.

*Mentira.* E que nos importa com isso? Esses jornaes são asalarados pelo Ministro da Justica; ou para fallar mais claro, elle he o principal Redactor do *Sete*, do *Parahybuna*, do *Chronista*, do *Correio de Minas*.

*Imparcial.* Isso não me parece exacto; mas...

*Pansa* Srs. Deixemos de questões superfluas, entremos na ordem do dia

*Mentira.* Peco a palavra.

*Pansa.* Tem a palavra.

*Mentira.* Sr. Presidente. Tudo conspira para que nós quanto antes installemos a Republica; qualquer demora pô te ser funesta. Na Corte temos o Limpo de brío para nos conajudar; e crevem me de Pouso Alegre que ja esta todo prompto para o primeiro signal: o amigo *Malagriz* tem hum Exercito ás nossas ordens...

*Imparcial, (aparte)* Aquillo he mentira.

*Mentira. (continuando)* O Serro Frio está todo voltado a nosso favor...

*Imparcial (aparte)* Tambem he mentira.

*Mentira. (continuando)* Só nos resta proclamar a Republica, fazer succumbir o Presidente, e tudo será nosso.

*Tiple.* Srs. Eu tenho hoje de propor-vos huma medida interessante, e he que em vez de hum Regente ou Dictador se nomeie hum Triunvirato. Esta moderna denominação ha de fazer fracasso; e segundo diz Jefferson, o numero tres apaga a idéa de hum Monarchia absoluto.

*Chicra Pires* Visto que o nosso fim he a felicidade do maior numero, convenho em que o supremo Governo da Republica seja composto de tres Membros, e não de hum só

*Fanhoso.* Sinó Pisi lenta peço a palavra. Eu me confomo com as idéas do inuste membro, e voto pu ellas.

*Narizão.* Não posso deixar de oppôr me a indicação do Sr. Deputado Tiple. Hum Triunvirato serviria somente para estagnar a marcha dos Negocios Publicos, quando ella pelo contrario deve ser a mais rapida possível, principalmente no principio de hum estabelecimento tão colossal. Inattemos nisto à Bahia que tem só hum Presidente, e não tres. E se na Bahia foi escolhido hum Carneiro, nós pôlemos requirir de escolha e por-mos hum Leão à testa dos Negocios Publicos. Não o digo por anim, Srs., porque pretendo resignar-me com a vossa escolha; mas qualquer patnota que fór nomeado, de estar a

coragem, a força, a destreza e a colera de hum Leão.

*Jota.* Pouco importa, Srs., que seja Presidente hum Leão, ou Javalí, ou Elefante. O que queremos he derrubar o Governo. Com tudo sera sempre minha opinião que não tiremos a Presidencia ao nosso benemerito Pansa. (apoiados) Srs., o nome dos Panças ainda hoje com admiracao se repete na ilha Barataria, aonde se immortalou o grande Sancho, como se lê nas Chronicas de D. Quixote; e vós bem sabeis que desse tronco illustre descende o nosso estimavel Mané Pança; isto não he queimar he hum podre incendio, sim demonstrar-vos a conveniencia de que o Exm. Sr. Presidente Pança continue a presidir a nossa Republica (apoiados geraes).

*Mopadinho.* Não posso levar a paciencia que estejamos consumindo o tempo em ventilar medidas que devem ser posteriores ao acto da nossa emancipação politica. Que, Srs. ! fallais em Triunviratos quando nós ali da gememos debaixo da canga do maldito Governo de 19 de Setembro!! E não será isto andar o carro ad ante dos bois? Srs. ! Nós devemos primeiramente quebrar o jugo que nos sopra, para depois cuidarmos em Dictadura, ou Triunvirato.

Vós suppondes facil a installação da Republica, e eu a julgo difficilissima. Nós lutamos com elementos heterogeneos; não temos ainda um povo sufficientemente instruido para saborear os doces fructos da nossa Republica. O povo que nos

obedece he a estupidez personallisada; nada entende de politica; reina entre elles a mais profunda ignorancia, e indifferença para tudo que he da Patria; se francamente lhe dissermos—vamos proclamar a Republica—, o povo nos abandona, malogra-se o nosso projecto. He por tanto necessario muito geito neste negocio. Prosigamos o nosso primeiro plano; anarchisemos a Provincia, praguememos o actual Governo, barulinemos, confundamos tudo; e vereis que o Governo, perdida a força moral e a confiança publica, ou se ha de demittir ou entregar-se á nossa discrepção; e então teremos o campo livre para proclamarmos a Republica, ou qualq̃ver forma de Governo que for mais analogo ás nossas circumstancias.

*Fanhoso.* Eu me conton o com as idéas do illustre membro; he aqui quem discone nior.

*Mentira.* O Sr. Deputado Mopadinho, fero no ponto da questião. Com effeito, Srs., se quizermos derrubar o Governo, he necessario lançar lhe fogo e mais fogo, anarchia e mais anarchia, progresso e mais progresso. Só assim triumpharemos. Begeitemos todas as medidas do bem publico, ou de interesse geral; não se faça neste anno a lei do organuto, nem lei alguma; e cada hum ataque o Governo do modo que quizer, segundo lhe suggir o seu patriotismo.

*Macaco.* Pois bem, Srs., ensaiemos. Discoria cada qual sobre aquillo que deve fazer anarchia o

objecto das suas censuras. Eu rogo aos meus illustres collegas que quando eu estiver orando dêem frequentes *apoiados* para me reanimarem, e mesmo para que o povo pense que eu estou discorrendo bem e capazmente. O meu ataque sera deste modo. .

*Narigão.* Venha disso.

*Macaco.* (Depois de tossir escarra, concerta a guella, e principia.) Sr. Presidente! Triste e melancolica he certamente a época em que laboramos debaixo de hum Governo perfido, que não cura dos males da patria (*apoiados geraes.*) O Governo só busca seus interesses, e deixa em abandono as necessidades mais vitaes da patria (*apoiados.*) na minha Comarca correu noticia de que o Governo tem na Capital hum exercito de mil e tantas praças: que premedita hum golpe de Estado, humna medida de Napoleão. Tambem se diz que os cofres publicos estão tísicos; o que me custa á crer, pois tem se cobrado immenso dinheiro; portanto, ou os empregados da Thesouraria sigarrão com as notas, ou são dilapidadores publicos. He huma miseria, Srs. Não se cuida na arrecadação dos dinheiros publicos. Em S. João d'El-Rei ha devedores que não pagão, porque não querem, ou porque ninguem procura. Não ha desleixo maior. Srs. meu peito se enche de nobre indignação ao recordar me das prevaricações destes maus empregados. A Thesouraria he minha molina (*apoiados*). O zello do bem publico he

que me anima a fallar com franqueza; eu fui sou, e serei sempre franco (*apoiados geraes*)

*Mentira.* Bravo, Macaco! Discorrestes maravilhosamente. Vejamos que tal se sahirá o nosso eloquente Tiple.

*Tiple.* Sr. Presidente! Os crimes deste execrando Governo são tão monstruosos que eu não sei como o povo ainda o sustenta. A Constituição garantio o segredo das cartas, tornando inviolavel este unico meio de communicação; entretanto, o Governo interfeindo criminosamente no segredo dos particulares violando a fé publica, que esta debaixo da salvaguarda de huma fragil obreia, abre as cartas, lê e se instrue nos negocios alheios. . . .

*Imparcial.* Amigos não sei se esta calumpnia podera passar! He muito calva.

*Muitas vezes.* Pôde, pôde; continue.

*Tiple.* (continuando) Sô hum Governo infernal, Srs., podera recorrer à semelhante arbitrio. (*apoiados geraes*) A historia nos relere (não me lembro agora aonde) que os tyrannos de todos os tempos recorrerão ao expediente de abrirem as cartas para opprimir os povos: e c'iz Jefferson que a violação do segredo das cartas só se encontra em Governos egoistas e perversos. (*apoiado*) o nosso Governo porém accrescenta o escarneo ao crime, pois, desculpando-se o Administrador dos Correios, diz que os ratos roem as obreias!

Sr., isto he escarnecer de nós. Não são ratos, são as Camarillas do Ministro da Justiça (*apoiados*). Esta prevaricação deve ser exemplarmente castigada (*apoiado*).

*Mentira*. He preciso estabelecermos huma regra. Quando se atacar o Governo, pêsse se logo informações sobre o motivo do ataque; assim suppõe-se que procedemos em boa fé, ainda que as informações de nada sirvão.

*Tiple*. Muito bem: Lá vai. Sr. Presidente, para que os ratos, se não chamados à responsabilidade, exijão que se pessão informaes ao Governo que nos diga quantas forão as obreias que os ratos ceirão, se os ratos erão grandes ou pequenos, se tiñhã dentes podres ou saons.

*Mentira*. Isso; isso mesmo está optimo.

*Chicrapires*. A peste dos ratos deve ser extincta neste paiz, o que não he difficil havendo hum Governo forte e diligente. Quando eu governei a Capitania do Espirito Santo (em tempo feliz e bem-aventurado) observei no meu Palacio muitas ratazanas, cuja voracidade era sem limites; empreguei o uso do arsenico; mas o melhor expediente que achei forão os gatos. Portanto, em additamento ao requerimento do Sr. Tiple, recomende se ao Governo que envie hum batalhão de gatos contra os ratos.

*Narigão*. Já que se falla em batalhão, tenho de mandar à mesa huma indicação que me parece

muito justa. Senhores, o reinado do terror deve extirpar-se de huma vez. Nós vemos esta pacifica Cidade entulhada de Guardas Nacionaes e Policiaes, de maneira que, á cada canto se encontrão baionetas caladas; e cutras ainda por calar, alfanges, sabres, espingardas, peças de artilheria, etc. etc. Ora, do que serve este apparatus militar, senão para ameaçar os Representantes da Provincia? Que necessidade ha de hum exercito de mais de mil. homens? Que...

*Imparcial*. He exaggeração. Todas as praças não chegão a 300; e isto não he muito para o serviço e guarnição da Capital.

*Pansa*. A' ordem. Não interrompa quem está fallando.

*Narigão*. Ha nada mais superfluo e perigoso do que tanta gente armada? O Governo ou he traidor, ou poltrao e cobarde. Nós porém devemos oppór a este despotismo, até mesmo para que os nossos committentes conheçam o zello que tomamos em defender a nação contra os seus oppressores (*apoiado*). Requeiro portanto que se pessão ao Governo as informações seguintes: primeira, por ordem de quem convocou este batalhão; segunda, qual o decreto que decretou essa medida decretada; terceira, se o Governo teme alguma revolução proxima ou remota; quarta, se o medo he grande ou pequeno. (*O requerimento he apoiado geralmente.*)

*Macaco*. Sr. Presidente, eu intervejo huma crise horrorosa se



bre a nossa terra, que ameaça todas as fortunas, assim publicas, como particulares. He a terrivel banca-rotta de oito milhões de cobre punçado que o Governo não tem querido resgatar. Nisto se descobre a fraude, o dolo e malicia com que o Ministro da Justiça tem procedido. Este Ministro de proposito quer ser o flagello da nossa terra, que he tambem sua infeliz patria, e que na muito o regeita de seu seio. Elle tem feito a desgraça de seu paiz, e ainda quer ser reeleito Deputado por Minas? O tempo de enganar os homens já se acabou; agora com grande pesar seu ha de ver-se substituido pelo nosso candidato o Sr Fanhoso. - O' só Fanhoso! Amigo! está cuxilando!

*Fanhoso (esfregando os olhos.)* Não sinô: eu estou apoiando atui devagarzinho.

*Rebolo (aparte)* Foi huma miseria a escolha de tal candidato.

*Macaco.* Na verdade, perdemos o tempo com este samouco; isto vai nos envergonhar.

*Imparcial.* Não comprehendo a banca-rotta do Sr. Macaco. Como pôde isto ser, se o cobre que existe punçado he autorizado por lei? Tirai o cobre todo; como se farão as transacções pequenas? Não o vemos já com o premio de 8 a 10 por cento? E para que a sarabanda no Ministro da Justiça? tem elle por ventura ingerencia no troco do cobre? Isto, Srs, não me parece racional; antes...

*Muitas vezes.* A ordem, á ordem.

*Macaco.* Que importa que leve a sarabanda este ou aquelle Ministro. Por ventura o povo sabe fazer essa distincção? Além disso todo o nosso empenho he expellir da reeleição o Ministro da Justiça, e não o da Fazenda: por consequencia devemos imputar áquelle todos os males que vier sobre o Brazil. A banca-rotta, ainda que se não possa explicar arithmeticamente, he huma idéa odiosa, faz sensação no publico, e o que nós queremos he desacreditar o Governo. O Sr. Imparcial devia estar mais enfarinhado nesta tactica.

*Imparcial.* Não: nuuca aprendi a enganar.

*Rebolo.* Sr Presidente, he huma verdade da primeira intuição que nós, não somente legislamos para a geração presente, como para a geração vindoura. Eu considero muito mesquinho o subsidio de 40000 reis diarios para os Deputados Provinciaes. Os Deputados Geraes ganhão 20000 reis, e elles pouco mais fazem do que nós. Portanto, indico que o nosso subsidio seja levado a quantia de 80000 reis, que ainda assim mesmo não he muito. Srs, o bom jornal he que faz appetite ao trabalho. Venhão portanto os 80000 reis por dia, e veremos a casa cheia, sem ter mais necessidade de chamarmos os supplantantes.

*Tiple.* Nada, nada de accrescimos: seria hum contra senso, se no momento em que nos queixamos de huma banca-rotta, exigissemos...

sems augmento de ordenado.

*Rebolo.* Essa banca rota he supposta e fingida como todos sabemos; logo porque senão ha de adoptar o meu projecto?

*Tiple.* Respeito muito as luzes do illustre socio; mas presentemente essa medida he impolitica, he indecorosa, e seria hum bello pratinho para os nossos inimigos. Dirião, que assim que nos pillamos em maioria, logo tratemos de augmentar o salario.

*Rebolo.* E que nos importa isso? Srs., aproveitemos a occasião: venha dinheiro e mais dinheiro; e tambem declaro que se não augmentardes o salario, eu aqui mais não ponho os pés. Não estou para me amotnar por 400 reis.

*Tiple.* Srs., eu vou tocar em um assumpto que deve merecer toda a vossa attenção. Vou fallar sobre o attentado de 19 de Dezembro. O sagrado recinto das nossas sessões foi polluido neste infausito dia por huma herda de canibaes. Aqui se reuniu tumultuosamente hum tumulto de gente armada sobre o frivolo pretexto de salvar a vida do Presidente da Provincia; mas o fim principal era dimittir varios Officiaes Permanentes, que por serem patriotas honrados não servião ao Governo actual. Assim consumou se a iniquidade. Tal procedimento não deve ficar impune. Requeiro portanto que se pessão ao Governo informacões seguintes: primeira, se foi em consequencia desse tumulto a unanimitate que se ci-

mittirão aquelles Officiaes; segunda, que numero de homens se reuniu neste Palacio; terceira, se haviaõ entre elles algumas mulheres; quarta, se os homens erão brancos, pardos ou pretos; quinta, se vierão vestidos de casaca, farda, ou capote.

*Imparcial.* Fiz tenção de fallar sempre com tranqueza e nã ora desagrada a alguns Srs. Mas o que quer dizer este requerimento do Sr. Tiple? Acaso se pôde tirar do Presidente o direito de dimittir livremente os Officiaes que não forem da sua confiança? Que artigo de lei infringio o Presidente nas demissões? Srs! Sejam os mais em conspecto. Mesmo quando esses Officiaes tivessem algum merecimento (o que dovido), todavia tomaraõ se hostes ao Governo, affixarão proclamações incendia-rias, quebrarão as vidracas do Palacio, e finalmente, mostrãõ se indignos de confiança. Como pois deveria ainda o Presidente conserva los? Como deixa los continuar nos insultos e maroteifas?

*Macaco.* Mas elles tinham a confiança publica; não precisavão da confiança individual do Presidente.

*Imparcial.* Isso he hum miseravel sophisma.

*Muitas vozes.* A ordem, a ordem.

*Rebolo.* O Sr. Imparcial não deve assistir ás nossas discussões.

*Joia.* Deve ser expellido para sempre.

*Rebolo.* Quem pôde tolerar este

novo Catão a censurar nos a cada momento ?

*Pansa.* Srs., á ordem cesse o rumor. Continuemos. Se alguém tem mais que dizer, pôde fallar.

*Rebolo.* Eu ainda tenho mais um queixume contra o Governo: quero propô-lo, a ver se merece approvação. Sr. Presidente, o Governo nas suas perseguições não exceptua ninguém (*apoiados*). Um Representante da Nação, cuja inviolabilidade he garantida pela Constituição, e pela lei de 12 de Agosto de 1834. . .

*Macaco.* Peco a palavra pela ordem. Requeiro que daqui em diante não se diga mais a lei de 12 de Agosto, mas sim que se lhe dê o nome proprio de — Acto Adicional. — Neste sentido mandarei á mesa huma indicação. — Todas as vezes que se houver de fallar na lei de 12 de Agosto de 1834, diga se Acto Adicional (*apoiados geraes*).

*Chicrapires.* Apoio muito a lembrança do Sr. Macaco. Convém mesmo que o povo saiba tanto de côr o acto adicional, como o *Padre Nosso*. Portanto indico que esta Assembleia autorise aos Juizes de Paz de toda a Provincia para explicarem ao povo o acto adicional nos Domingos e Dias Santos de Guarda (*apoiados*).

*Rebolo.* Dizia eu, Senhores, que neste Governo os Representantes da Nação não tem garantias. Non-tem ás onze horas da noite recolhendo-me eu da casa do jogo, donde me fui entreter no *Marim-*

*bo*, vi-me accomettido por huma turba de soldados, que me passaram huma rigorosa busca. Era a ronda que. . .

*Mentira.* Srs., não nos convém que appareça este facto em publico. He muito desairoso que um Deputado leve huma busca em plena rua, cercado de Belleguins, etc. Além disso esta accusação vai ferir o nosso amigo Juiz de Direito que fez o Regulamento, e o fez como seus narizes. Neste negocio o melhor he pôr huma pedra em cima.

*Macaco.* Sr. Presidente, pesso a palavra.

*Matraca.* O Sr. Deputado, segundo o regimenkto não pôde fallar mais. A sessão tem-se prolongado muito, e he necessario discutir alguns projektos que ali estão sobre a mesa.

*Macaco.* (*aparte*) Este Matraca he tão espivktado que já aborrece.

*Mentira.* Creio que simkte.

*Macaco.* (*aparte*) E o pedaço d'asno do Fanhoso? Isso he huma miseria. Surdo, aborrecido, toleirão. . . em fim, se no Serro não ha cousa melhor, então. . . bolas.

*Mentira.* (*aparte*) Parece que de proposito nos mandão os mais saudos, e os mais alvares.

*Macaco.* Srs., não me importa com o regimento; quero fallar que o objecto he de importancia. O Sr. Secretario Matraca guarde as suas observações para outro tempo (*apoiados*).

*Pansa.* O Sr. Macaco pôde fallar.

*Matraca.* Esta Assembléa fez uma lei abolindo a escravidão e perpetuando a liberdade dos Pa- rchos, tornando os amovíveis, segundo a vontade dos Presiden- tes. Isto cedia nas attribuições da nossa Assembléa, pois que os Pa- rochos são empregados Provin- ciales. Mas a Assembléa Geral do Brazil teve o atrevimento de an- nullar a nossa lei. E deixamos nós passar hum tal precedente? Não por certo, Srs.: isso seria o maior servilismo (*apoiados*). De- scenganemo nos, Srs. Nós na Pro- vincia somos Legisladores tão in- dependentes e soberanos como ou- tros quaequer Legisladores do Universo (*apoiados*). Seria desai- roso que esta Assembléa fosse cor- rigida por outra (*apoiados geraes*). Devemos seguir os principios de *Poncio Pilatos*, que nunca já mais riscava o que hum vez tinha es- crito: *quod scripsi, scripsi*. Tal deve ser o emblema da nossa fir- meza de caracter. Não consenti- mos de hum poder estranho an- nullar hoje hum a lei que ainda on- tem haviamos sancionado (*apoiados*). Conservemos intactas as nos- sas attribuições (*apoiados*). Essa versatilidade não seria digna de Legisladores Mineiros. Em hum a palavra Srs. A lei deve subsistir a despeito da Assembléa Geral (*apoiados*). Eu protesto e juro, já- mais consentirei que a nossa lei seja insultada, pulverizada, an- nullada, e calcada aos pés.

*Tipla.* Sr. Presidente. Este acto impudico da Assembléa Geral eu o considero attentatorio das garau-

tias que a lei de 12 de Agos- to... quero dizer, que o Acto adicional conferio às Provincias, Srs., fallemos claro: eu sou re- publicano em carne e osso: o es- pírito democratico serve em meu coração, corre em catadupas pe- las minhas veias; não posso por- tanto soffrer o ultrage que nos imroga a Assembléa Geral. Não so- mos nós Deputados? A nossa As- sembléa não he por ventura Le- gislativa? Como pois se nos vem annullar hum a lei, emanada de hum a Autoridade legitima? Re- sistamos, Srs.. (*apoiados*). Nada de cobardia. Se tór preciso em- punhemos as armas para vindicar a nossa honra ultrajada, a nossa lei calcada aos pés pelos Aristo- cratas da Assembléa (*apoiados*). Sim, os aristocratas essa raça he- terogenea do Brazil são os que nos querem injôr de novo o jugo colonial (*apoiados geraes*).

*Matraca.* Srs.! Tal usurpação de direitos he inadmissivel. Co- mo não ha na casa hum a commu- nidade propria, lembro que se reme- ta este negocio à Commissão de Poderes, e infrações de leis. [*apoiados geraes*.]

*Pansa.* Muito bem: até aqui te- mos decorrido optimamente. Já não he pequena a previsão de ataques para amanhã. Os regis- tristas não esperão de certo esta trovoadá. Contudo lembrome a- inda de hum assumpto, em que muito podemos achincalhar o Go- verno. He sobre o Telegrapho. Principie o Sr. Narigão: alegre- mos com a sua eloquencia.

*Narigão* (*surrindo se muito satisfeito.*) Sr. Presidente, felizmente já temos hum Tachigrafo para transcrever as actas das nossas sessões. Conviha tambem que elle desse ao publico lições da sua arte, na qual se pôde instruir a nossa mocidade. Mas o quantitativo designado na lei do orçamento não he sufficiente, por isso requiero que se autorise ao Presidente da Provincia para gastar a quantia que fôr necessaria.

*Mopadinho.* Acho muito justo o requerimento do Sr. Narigão, e votarei por elle; este negocio desde o principio esteve sempre a cargo dos Presidentes da Provincia.

*Macaco* [*com vehemencia.*] Isso era quando havia hum Presidente da nossa confiança. Agora está tudo mudado. Jámais concordarei em autorisar-se o actual Presidente a gastar quanto quizer com o Tachigrafo. He medida que não approvo. Srs., quero que se publiquem as sessões desta Assembléa; mas não quero que isto fique a cargo do Presidente. Isso nunca; porque então levarão 20 annos, e mais, para se verificar a publicação. Srs. o actual Presidente não me merece confiança alguma [*apoiados*]. Em quanto eu não ver à testa dos negocios publicos hum Presidente parlamentar. . . (*risadas*) hei de recusar-lhe tudo (*apoiados*). Não lhe dou nem cinco reis (*apoiados*). Declaro que esteu na opposição, e na opposição extrema; ha de ir tudo raso; hei de fazer ao Go-

verno guerra de morte (*apoiados*). Procedendo assim marchou com a opinião de Minas Geraes pois ainda me nomeia seu Deputado. Se estou em erro a Provincia me excluirá. . .

*Imparcial* [*aparte*] Não poderá excluir por causa das cabalas.

*Macaco.* Mas em quanto fôr Deputado, julgo me na maioria da Provincia, e posso affoitamente asseverar que a Provincia falla por minha boca, eu sou o seu interprete, sou o órgão de seus sentimentos: [*apoiados*] por consequencia, eu e toda a Provincia de Minas queremos hum Presidente Parlamentar, que pense e obre como Parlamentar, e que seja assignante do Parlamentar. Em quanto não fôr bem Parlamentar não conseguirá medidas de confiança. E se alguma lei autorisa o actual Presidente a engajar Tachigrafos, revogue se essa lei, ou convertase hoje em materia nova, sobre a qual legislemos tambem de novo.

*Narigão* Vistas as razões do Sr. Macaco, abraço os seus sentimentos, e desprezo a minha primeira emenda.

*Imparcial.* Mas essa versatilidade dos legisladores Mineiros, que o Sr. Macaco ainda ha pouco, condemnava. . .

*Macaco.* Isto não he versatilidade; he progresso.

*Imparcial.* E como tão depressa quer revogar huma lei, sem se lembrar do emblema de Poncio Pilatos, *quod scripsi scripsi?*

*Macaco.* Bem me lembra. Mas

com o actual Governo não quere-  
mos nada, absolutamente nada.  
Tal he o voto da Nação que eu re-  
presento.

*Imparcial.* (aparte) Isto he, o vo-  
to da guerra duzia de anarchistas  
que elle representa.

*Macaco.* O que diz? O que diz?

*Imparcial.* E a nação não lhe pe-  
dirá tambem alguma medida de  
interesse publico?

*Macaco.* A' ordem, á ordem.

*Narigão.* Essas medidas ficão pa-  
ra tempos mais felizes.

*Imparcial.* E que tempo mais fe-  
liz, mais esperançoso para a Pro-  
vincia, do que quando se achão  
reunidos seus Representantes?

Não he agora, Srs., que deverieis  
propôr medidas de utilidade pu-  
blica? Porque não trataremos da  
abertura de novas estradas e ca-  
naes, da construcção de pontes,  
da navigação interior de nossos  
caudalosos rios, que tanto con-  
corre para augmento do com-  
mercio e industria? Porque não  
daremos hum impulso vital á to-  
dos os ramos da administração  
publica? Vós pelo contrario dis-  
perdiçaes o tempo na baixa e vil  
intriga; só tendes patriotismo  
quando se trata de atacar o Go-  
verno, só tendes energia para ca-  
lumpjar este ou aquelle Ministro  
que vos desagrada. Foi para isso  
que a Provincia vos elego? Foi  
para isso que ella esgota seus co-  
llecões...

*Muitas vozes.* A' ordem á ordem.

*Macaco* (muito irritado) Sr Pre-  
sidente, propouho a exclusão per-

petua do Sr. Imparcial (apoiados  
Srs.)

*Rebollo.* Deve ser expellido com  
ignominia.

*Joia.* He muito atrevido.

*Muitas vozes.* Fóra, fóra; saia  
para fóra!!

*Imparcial.* Sim, eu me retiro;  
e me julgo muito feliz por não  
pertencer mais a hum club de  
anarchistas, á hum ajuntamento  
de loucos e desordenados. (vai-se.)

#### SCENA QUINTA.

*Os mesmos clubstas, menos o Men-  
tira, que terá levado o Impar-  
cial até pô-lo pela porta fora.*

*Narigão.* (muito zangado) Ma-  
roto! Fallar-nos aqui em bem  
publico, interesse publico! O que  
deviamos fazer era quebrar-lhe  
os ossos.

*Tiple.* Eu já estava de mãosinha  
fechada para ir-lhe aos queixos.

#### SCENA SEXTA.

*O Mentira e os mesmos.*

*Mentira* (correndo assustado.)  
Amigos! Estamos perdidos!...  
Cercados de Permanentes!

*Narigão.* Isso ha de ser mentira.

*Mentira.* Fugamos que ainda he  
tempo.

*Narigão.* Não creião neste bol-  
las que he hum mentiroso.

*Tiple.* Srs.! Hum Official de Po-  
licia...

*Mopadinho.* (cossando a cabeça)  
Por esta não esparava. Isto foi o  
diabo,

SCENA SÉTIMA.

Os mesmos, hum Official, e Permententes.

Official. Entrai Camaradas. (Os Permententes enchem a sala, e cercão os clubistas.) Meus Sis. ! Tenhão paciencia. Venho mandado por ordem superior.

Narigão. Monstros ! Assim profanaes o sagrado azilo dos Cidadãos ? Saiao ja daqui com mil diabos.

Official. Sim Sr. : hei de sahir com VV. SS. O Governo manda recolher-vos a todos na Casa dos Doidos e Mentecaptos.

Pansa (aparte.) Isto foi o diabo.

Mopadinho (tremulo.) Essa ordem necessita de discussão; mas nós estamos coactos; portanto requeiro fique o negocio eddiado até amanhã.

Official. Nao admitto discussões, nem addiamento. Vamos.

Macaco Sr. Official, e vós, Permententes, estareis por ventura hallucinados ? Quereis acaso lançar mãos profanas sobre os Paes da Patria ? Que quer dizer e te apparatus de espadas, baionetas, espingardas de que vindes armados ? Acaso somos fascinorosos ou ladrões ?

*Tanquam ad latrones existis cum gemitibus, et fustibus comprehendere nos ?* Em nome da Patria afflicta, eu vos requeiro, Srs., não nós façaes violencia; não queraes incorrer no crime de Lesa magestade representativa.

Official Cumpro as ordens do meu Superior. Vós estaes perturbando o socego publico; vossa conducta tem sido intoleravel; e semelhantes doidos he necessario afastar da Sociedade. Vamos.

Macaco. Para onde, Senhores ?

Official. Para a Casa dos Orates.

Macaco. Ceos ! Aonde estão os raios que ainda, não chovem sobre estas cabeças criminosas ? Monstros ! Assim velipendiaes os Representantes de huma Nação livre ? Aonde estão as nossas garantias, as nossas inviolabilidades ?

Official. Doidos não tem garantias. Andem, andem. Camaradas ! avancai ! Olho vivo com estes melros. Casa de Orates com elles. Ahi melhor formarão os plauos de anarchisar a Provincia.

Pansa. Eu bem estava livre desta cossuda ! Mas quem se mette com crianças amantice mijada ;

FIM.

NA TYPOGRAPHIA DO PARAHYBUNA.

Anno de 1858.